O PROCESSO DO SABER NA SOCIOLOGIA COSMONÔMICA

(Excerto do livro: Esboço de Sociologia Cosmonômica – Resgatando a Antítese Cristã = ISBN 9 786501719115)

O processo do saber

Como sabemos o que sabemos? Esta é uma pergunta fundamental no campo da epistemologia. Não há espaço aqui e nem é o propósito do livro discutir os diferentes entendimentos que há acerca do processo do saber. Esse é um assunto para muitos livros no campo da Epistemologia.[1] O que faremos é apresentar, resumidamente, aquilo que é o entendimento dessa questão no tocante a este livro.

Em primeiro lugar, fica estabelecido que Deus é soberano e que Ele criou o universo sujeito a leis fixas, de modo que o cientista nada cria, ele apenas descobre as correlações e chega ao entendimento de uma dessas leis. Por exemplo, a lei da biogênese, já citada, jamais poderá violar uma lei da consciência ou da lógica para provar-se. No caso em questão, a lei correspondente é a lei do terceiro excluído.[2] Isto é o mesmo que dizer: ou a lei da biogênese é verdadeira e a afirmação anterior – abiogênese – é falsa, ou o inverso, mas nunca poderão ser verdadeiras as duas ao mesmo tempo. Ocorre que, no caso da lei da biogênese, esta lei encontra correspondência com a realidade experienciada no ambiente pré-teórico, e a realidade percebida se coaduna com o Livro da Lei, de modo que a consciência não é violada ao aceitá-la como verdadeira, o que já não é o caso da antiga proposição da abiogênese.

Nessa sujeição do mundo criado, o Criador soberanamente reduziu a existência de tudo o que há ao trinômio: tempo/matéria/espaço, o que também pode ser definido simplesmente como *finitude*. Apenas o Criador é infinito e, portanto, livre das limitações da matéria/espaço/tempo. Enquanto permanecerem as condições dadas, essa é também a condição humana e a condição material do cosmos onde está inserida a raça toda. Ao ser humano é

---

[1] Interessados no assunto poderão recorrer a Cornelius Van Til – *Epistemologia Reformada*, publicado no Brasil por Nadere Reformatie Publicações, 1ª ed., 2020, ou a John M. Frame – *A Doutrina do Conhecimento de Deus*, publicado no Brasil por Cultura Cristã, 1ª ed., 2019, ou a Alvin Plantinga – *Conhecimento e Crença Cristã*, publicado no Brasil por Academia Monergista, 2018 e outros.

[2] Segundo a tradição literária que chegou até nós, foi o Filósofo grego Aristóteles quem primeiro se utilizou dessa lei nos seus enunciados filosóficos.

lícito refletir, aprender e dominar as dimensões da matéria, do espaço e até do tempo, porém não lhe foi concedido transcender pessoalmente a eles de uma maneira que exista integralmente, permanentemente fora desse domínio, e ainda permaneça inteiramente humano.

As leis fixas, ou as leis da Criação, garantem a estabilidade dos elementos e dos processos existentes no mundo visível e invisível. A tabela periódica depende dessa regularidade incrustada na *Ordem Criacional*[3]. Por outro lado, o Criador concedeu aos seres humanos o domínio sobre a Criação para conhecê-la e explorá-la com decência e ordem. A eternidade do Criador que é manifesta na durabilidade das leis da Criação, somadas ao mandato do Criador de dominar a Criação, concede aos seres humanos a certeza de poder investigar, encontrar, conhecer e usufruir dos mecanismos, processos, relações e correlações nela existentes, possibilitando, ainda, a transmissão do resultado do conhecimento obtido para as gerações futuras. Não é impressionante que um átomo de sódio unido a um átomo de cloro resulte em sal de cozinha, tanto na Babilônia antiga quanto em Tóquio hoje? E não é impressionante que essa relação tenha alcançado um grau de certeza tal que tenha sido passada desde as gerações primordiais até nós, e que tenha chegado intacta?

Em segundo lugar, o Criador fez os seres humanos à Sua imagem e semelhança, e os inseriu no mundo regido por Suas leis. Então a condição humana é a de um ser físico/espiritual. É físico porque formado do pó da terra. É espiritual porque criado à imagem e semelhança do Criador, o qual o tornou *alma vivente* ao lhe soprar nas narinas o fôlego da vida. O resultado dessa obra divina é que o ser humano é uma perfeita união psicossomática, espírito e barro que se constituem numa *pessoa humana única*, a qual só permanece completa se essa união é mantida. Aqui está o fundamento do Evangelho da ressurreição. Somente essa perfeita união psicossomática que constitui um ser humano justifica que o espírito retorne para o corpo na ressurreição. Enquanto estamos ausentes do corpo, mesmo em estado de glória, não somos humanamente completos. Já aqui se verifica uma antítese absoluta com todos os demais edifícios teóricos, tanto da filosofia quanto da sociologia humanista, as quais têm proferido os mais

[3] *Ordem Criacional*: Na filosofia Cosmonômica e na sociologia cristã é termo técnico. Diz respeito ao modo como o Criador estruturou a realidade com as suas leis fixas, inclui os fundamentos da moralidade, o seu governo providencial, e as estruturas basilares do mundo como o conhecemos do lado de cá da eternidade.

diferentes conceitos acerca do que é o ser humano, e com variedade ainda maior quanto às suas partes constitutivas.

O conhecimento no mundo da criação inferior

Dito isso, como podemos conhecer? Aqui reside o fracasso de diversos métodos científicos cuja epistemologia foi superada, como é o caso do Positivismo, por exemplo.[4] O método positivista se propunha a igualar a realidade num todo orgânico, de modo que uma vez descoberta uma lei, esta serviria para explicar toda a realidade. Isto é, essa lei orgânica seria aplicável, tanto às questões físico-químicas do mundo quanto às questões imateriais, inorgânicas e culturais. No entanto, como foi exposto acima, embora sejamos todos criação – tanto a borboleta quanto as rochas e seres humanos –, o Criador estabeleceu uma característica exclusiva para os seres humanos. Estes não são apenas seres físicos, do mesmo modo que uma rocha, ou um dálmata, mas são também seres pessoais. Se os seres humanos são diferenciados do resto da Criação pela sua pessoalidade, faz-se necessário que *coisas sejam tratadas como coisas* e *pessoas como pessoas*. Neste livro, o mundo das coisas é referido como *criação inferior* e o mundo das pessoas como *criação superior*.

Então, se entendemos que o Criador estabeleceu a Criação sujeita a leis fixas e concedeu à matéria a estabilidade, é razoável se concluir que o conhecimento acerca da criação inferior, que é o equivalente àquilo que alguns cientistas chamam de Natureza[5], seja obtido a partir da observação atenta e metódica, pois trata-se, essencialmente, de descobrir a relação, ou a correlação, que há entre os diferentes itens existentes na realidade observada. Basicamente, a pergunta científica primordial é: *o que acontece se?* E adiante desse "se" perscrutador, o cientista pode acrescentar as mais diferentes combinações de fatores. Exemplos meramente ilustrativos: *o que acontece se* a dois átomos de hidrogênio se acrescentar um átomo de oxigênio? Ou, *o que acontece se*

[4] Não há espaço para listar os fracassos da ciência e da filosofia aqui. Para um entendimento profundo do andamento dos sabres humanos no Ocidente, ver: DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da Cultura Ocidental*. Publicado no Brasil pela editora Cultura Cristã.

[5] Temos resistência a chamar a Criação pelo verbete Natureza porque ele remete à ideia do Naturalismo ateísta, bem como intui um processo de existência natural, isto é, autoexistente.

restringirmos a ação das abelhas? Ou, *o que acontece se* introduzirmos uma erva oriunda do Himalaia nos lavrados do Planalto Central?

Óbvio que ao falar assim chegamos a uma quase excessiva simplificação. A intenção aqui não é impor sobre as ciências da criação inferior um desmerecimento maldoso. O ponto aqui é que, para a criação inferior, cabe a *experimentação e a observação atenta*, a qual se dará pela observação direta, ou pela experimentação conduzida e controlada em laboratório. E onde se encontra o fundamento para essa atitude teórica? No fundamento de que a Criação está sujeita à regularidade e a leis fixas dadas pelo Criador. Isto é o mesmo que dizer que, *a menos que haja uma interação físico-química devido a uma força externa*, os itens que compõem a criação inferior serão mantidos dentro dos parâmetros em que foram criados. Essa é uma afirmação válida, tanto para uma placa de alumínio, ou para uma rocha, quanto para um tubarão ou uma alga.

O conhecimento no mundo da criação superior

Tal forma de se obter o conhecimento, no entanto, não é suficiente quando se trata dos seres humanos, sejam eles encontrados em grupos, seja individualmente, dada a condição peculiar da *pessoalidade*. O atributo da pessoalidade faz com que os seres humanos até possam ser, em parte, conhecidos pela observação, principalmente quando analisados em grupos. No entanto, a mera observação jamais terá algum grau de certeza, pois a pessoalidade traz consigo a capacidade de ação e reação, o que torna o resultado da pessoalidade infinitamente imprevisível[6] e ao mesmo tempo torna a observação fugaz, pois no próximo momento o grupo pode não mais agir e reagir da mesma maneira. Noutras palavras, a criação superior está em fluxo contínuo devido à pessoalidade, embora a sociedade possua mecanismos criacionais para controle desse fluxo.

Cabe anotar, no entanto, uma curiosidade. Por ser também participante da criação inferior, o corpo humano pode ser estudado da mesma maneira que as algas. Neste caso a inquirição pode ser reduzida à mesma fórmula, "o que

[6] Para uma ampla e profunda compreensão da complexidade e imprevisibilidade da ação humana, ver: ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*, publicado no Brasil por Forense Universitária, 13ª ed., 2016.

acontece se". Ou seja, o corpo humano, porque está sujeito às leis orgânicas, segue o mesmo processo de conhecimento que os demais corpos orgânicos. Porém, cabe uma observação. O ser humano é uma unidade perfeita, colocado a meio caminho entre a criação inferior e a eternidade, de modo que os processos físico-químicos de seu lado orgânico produzem efeitos em toda a sua experiência temporal, o que significa dizer que uma mudança hormonal pela falta de um órgão específico poderá afetar coisas intangíveis, como o humor de uma pessoa, por exemplo. Aqui se revela o limite das ciências da criação inferior, as quais nada poderão dizer sobre tais efeitos, posto que eles fogem dos aspectos orgânicos e se manifestam nos aspectos superiores da psique.

Para o sistema cultural Reformado, Deus é um ser espiritual, infinito e pessoal, o qual subsiste em três pessoas coexistentes, inconfundíveis, de mesma essência, sem se constituírem em três deuses, mas um só Deus. O Altíssimo é o único Deus vivente, em cujo "interior" coexistem o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Três *pessoas divinas*, ou, como dizem alguns teólogos, três *centros de consciência e vontade* que se comunicam usando distinções básicas como Eu/Tu/Nós, e que ao mesmo tempo declaram em suas falas a certeza de serem apenas três, pelo uso enfático do artigo masculino singular "o Pai", "o Filho" e "o Espírito Santo", e ao mesmo tempo suas falas manifestam sua unicidade quando o Criador se declara o grande Eu Sou único e verdadeiro, o que dá a certeza de existir um só Deus, declarado com a mesma ênfase por todo o Seu discurso encerrado no Livro da Lei.

A característica divina da pessoalidade requer que o Criador se revele. Sem a *Revelação* que fez de Si mesmo jamais saberíamos quem Ele é. Em princípio, nós já não saberíamos mesmo quem Ele é quando considerada apenas a Sua condição de divindade, comparada com a nossa finitude. Como Deus, o Criador está logicamente afastado de nós. Esse afastamento não é uma questão espacial. É uma questão ontológica, ou de essência. Portanto, somente este fator já torna a *Revelação* uma necessidade absoluta. Noutras palavras, a sua condição de divindade O afasta de nós de tal forma que, ainda que fôssemos criaturas racionais como somos, seríamos em relação a Ele como um peixe no oceano, sem jamais saber que existem outros seres sobre a Terra, por exemplo.

Mas não é só isso. Se a divindade do Criador nos fosse manifestada apenas no grau existente no Livro da Criação, com todos os Seus feitos poderosos

vistos a olhos nus, ainda assim não saberíamos *quem Ele é de fato*, posto que Ele é uma pessoa. E como sabemos que Ele é uma pessoa? Transcendendo o oceano das nossas limitações, Ele veio até nós e nos falou, revelando assim a Sua *pessoalidade* e vencendo as nossas impossibilidades ao nos revelar o Seu Nome. O discurso do Criador revelou-nos quem Ele é, qual o Seu propósito etc. Noutras palavras, a pessoalidade divina se revelou a nós no discurso divino.

Que o Criador se revelou é ponto pacífico na cristandade. O sistema Reformado advoga a *Revelação* do Criador em todas as coisas criadas, segundo atestado pelo Livro da Lei. Está estabelecido nas escrituras do Antigo Testamento que os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de Suas mãos. Do mesmo modo o Novo Testamento afirma que aquilo que se pode conhecer a respeito de Deus, Seus atributos invisíveis, é claramente percebido por meio das coisas que foram criadas. Mas a graça do Criador não se limitou a deixar que os Seus atributos fossem percebidos somente na Criação. Ele também quis fazer revelações acerca do Seu *Ser* por meio de *proposições verbais,* e para garantir a eternidade dessas proposições, Ele mandou encerrá-las em um livro. E mais, Ele mandou que se fizessem cópias desse mesmo livro e que essa Escritura fosse ensinada a todos os homens, de tal modo que podemos conhecê-Lo não apenas em Sua divindade, mas na Sua pessoalidade.

Dessa maneira chegamos à conclusão de que a pessoalidade de Deus só pode ser apreendida, isto é, conhecida por meio da Revelação *que Ele fez de si mesmo*, já que o próprio Livro da Lei declara que o Livro da Criação é suficiente para conhecer acerca de Sua existência divina e de Seus atributos invisíveis, como a Sua eternidade, o Seu poder etc. Com base nesse fato amplamente aceito, avançamos para a pessoalidade humana e constatamos que *apenas o discurso que alguém faz de si mesmo é capaz de emprestar algum grau de certeza ao que sabemos a respeito daquela pessoa*, visto que a mera observação de atos, mesmo que largamente repetidos, não nos garante a verdade por detrás deles, porque a verdade acerca dos artefatos humanos se encerra no *sentido da ação*.

A única forma segura de conhecer uma pessoa é por meio do discurso que ela faz de si mesma. Como lecionou Hannah Arendt (1906-1975) na obra *A Condição Humana*, a vida humana entre outros seres humanos se dá por meio do *labor, trabalho e ação*. O labor se refere aos aspectos reprodutivos, biológicos, comuns à raça. O trabalho adquire uma maior distinção, emprestando ao homem

certa durabilidade e permanência no mundo por acrescentar ao mundo das coisas outras tantas e novas. A ação é o extravasar do *Coração*. A ação é o aspecto humano por excelência, pois só pode existir entre os seres humanos e se caracteriza pela imprevisibilidade e a infinidade. Nunca saberemos até onde a ação de uma pessoa, ou grupo de pessoas, poderá chegar. Esse agir e reagir só pode ser compreendido pelo discurso, pois é o sujeito o único capaz de declarar o significado de sua ação.

Hannah Arendt dá ênfase ao discurso, pois, *é o discurso que revela o sujeito* e *apenas o sujeito é capaz de declarar o sentido da sua ação*, ou reação diante dos fatos. Noutras palavras, quem fez (agiu) é o único capaz de definir o que fez. Isso é válido para a pessoa divina, assim como é válido para a pessoa humana. O Livro da Lei confirma essa posição filosófica quando fala acerca desse desvendamento que os seres humanos fazem de si mesmos. Tomemos o caso de Jesus afirmando que "a boca fala do que está cheio o coração" (Mt 12:34, NAA). Essa declaração indica que o discurso dá forma ou expressão àquilo que ninguém vê, ou seja, revela a pessoalidade e, não só isso, revela o caráter.

Noutras palavras, o *Coração*, que nas palavras de Jesus também é definido como o Eu humano, é oculto até de si mesmo e *só poderá ser conhecido* por outras pessoas humanas quando lançar-se para fora por meio do discurso. O Criador, por ser dotado de onisciência, conhece plenamente a Si mesmo, assim como conhece o *Coração* de todas as Suas criaturas. Diferentemente, o *Coração* humano é um mistério para o próprio ser humano. Também isso é algo impressionante na nossa pessoalidade, o fato de que os outros nos enxergam melhor do que nós a nós mesmos.

Talvez alguém possa objetar que o simples *discurso* que alguém apresenta acerca de si mesmo não acarrete qualquer grau de conhecimento genuíno. Pode-se alegar que o sujeito do discurso pode mentir acerca de si mesmo, e dar explicação falsa a respeito do sentido de suas ações. Contra essa objeção é suficiente observar o contexto em que Jesus Cristo faz essa afirmação acerca do discurso humano. Ali, Jesus estava diante de pessoas que O confrontavam até com ânimo beligerante, sem o recurso de uma reflexão cuidadosa. Era um contexto que estava envolto numa *espontaneidade irrefletida*, em atitude espontânea, tal como declara o jargão popular: "no calor do momento". Daí se conclui que o ser humano pode até falar coisas bem refletidas

acerca de si mesmo, no intuito de enganar, mas não poderá sustentar essa farsa por muito tempo, porque o seu *Coração* lhe domina e o seu discurso irrefletido sempre será produto daquilo que, de fato, o seu *Coração* está cheio. Haverá um momento em que o seu discurso declarará como de fato ele é.

Neste sentido, Jesus está afirmando que um *Coração* mau revelará um ser humano mau, mais cedo ou mais tarde, pois falará do que está cheio e será reconhecido pelos seus frutos. Assim, o poder de enganar em nada inviabiliza o método de conhecimento. Reafirmo: *a Revelação é a única maneira de conhecer uma pessoa*, pois aquilo que se revela por meio do discurso poderá sustentar ou derribar aquilo que já se obteve por meio da observação. Além disso, em se tratando da pessoa do Criador, o sistema cultural Reformado atesta ao longo da história, seja por meio da boa ciência, seja por meio da relação que Ele possui com o Seu povo, que, *de fato, o Altíssimo é quem Ele disse que é*. É neste sentido que se entende quando a Escritura afirma que Deus é fiel, pois aquilo que Ele revelou como sendo a verdade acerca de Seus atributos e propósitos é comprovado por meio dos Seus atos. Logo, a questão que resta é: se o discurso que o Criador fez a respeito de Si mesmo tem sido provado verdadeiro, por que não seria verdadeiro o Seu discurso a respeito de nós, seres criados por Ele?

Retornando, então, ao tema desta seção. Ao nos questionarmos como sabemos o que sabemos, a resposta a que chegamos até aqui é esta: *nós sabemos o que sabemos sempre por meio de Revelação*. Esta proposição é válida mesmo para a criação inferior. No âmbito das ciências da criação inferior, o conhecimento está vinculado ao fato de que é porque o Criador quis se revelar aos seres humanos que Ele deixou a Criação impregnada de Suas "digitais", tendo-a dotado de *estabilidade, regularidade e permanência* – todos atributos inatos ao ser divino –, tornando-a apta a ser desvendada pela observação atenta e metódica. No âmbito das ciências humanas – submetidas à condição humana da pessoalidade, porém ainda debaixo da *Ordem Criacional* –, a possibilidade do conhecimento está no *discurso*. Conhecemos alguém, ou uma sociedade, ou o sentido de uma ação, para usar um termo weberiano, por meio do seu *discurso*, facilmente comparado às suas ações.

Comparar o discurso de alguém com as suas ações sempre resultará em conhecimento. Se houver coerência entre o discurso e as ações, então se saberá a verdade a respeito daquela pessoa, ou grupo. O discurso que não se coaduna com

os fatos também resulta em conhecimento; neste caso, revelou-se uma pessoa ou grupo hipócrita. Diante disso, o Livro da Lei não nos deixou às cegas, mas o nosso Senhor Jesus nos concedeu um método: "pelos seus frutos vocês os conhecerão" (Mt 7:20, NAA). Este é o caso denunciado por Jesus acerca do grupo judaico chamado de *fariseus*, os quais tinham um discurso piedoso, mas as suas ações os desqualificavam porque não eram condizentes com aquilo que afirmavam.

Por outro lado, onisciente dos efeitos da pessoalidade na raça humana, o Criador não se limitou a nos dizer quem Ele é, mas no Seu Livro da Lei Ele também revelou *quem nós éramos, quem nós somos e quem nós nos tornaremos um dia*. E a Sua extremada e infinita fidelidade encontra correspondência exata na realidade observável. Noutras palavras, verifica-se que aquilo que o Criador disse acerca de nós se comprova fielmente ao longo da história. De fato, nós somos quem Ele disse que nós somos. Mais uma vez, então, fica estabelecido que aquilo que sabemos acerca dos seres humanos, acerca de suas comunidades, se reduz àquilo que nos foi revelado, seja pelo discurso dos seres humanos, seja pelo discurso divino.

A Sociologia neste livro

Toda ciência, para ser honesta, eficaz e lógica, deveria começar reconhecendo a soberania do Criador e a condição humana. Esta obra busca reconhecer a ambos. Nosso ponto sociológico fundamental é que o Criador estabeleceu limites e formas para todas as relações e interações humanas, ao mesmo tempo em que reconhecemos o pecado no *Coração* que desvirtua a existência, seja de instituições, seja da autoridade, seja de lugares e esferas de atuação de cada aspecto da existência humana, e, ainda, reconhecemos a redenção trazida ao universo por Jesus Cristo. Noutras palavras, a unidade inquebrantável do *Motivo Básico* cristão – *Criação, Queda, Redenção* – adotada neste livro é garantia de não haver antinomias nos enunciados teóricos, enquanto se mantiver atenta à antítese absoluta entre o princípio básico trino cristão e o princípio básico dualista do Humanismo e da sociologia clássica.

Entendendo que há *Revelação* suficiente acerca de todos os aspectos que a sociologia possa abarcar, é certo que os temas tradicionais da sociologia estarão cativos ao princípio Reformado de que tudo pertence a Cristo e que mesmo o

ímpio, mesmo o mal, tudo existe sob o santo propósito do Criador. A sociologia que tira seus enunciados do Livro da Lei não estará órfã de enunciados e *insights* para o seu trabalho. Uma vez sustentada por uma boa filosofia, a sociologia cristã, de orientação Reformada, não precisará especular, pois, como dito, há suficiente *Revelação* acerca de todos os tópicos inerentes às ciências no Livro da Lei.

Mais uma vez, essa postura não deve causar estranheza, pois a sociologia que existe, existe cativa a alguma ideologia, ou a uma cosmovisão. Porventura é estranho que exista uma sociologia marxista? Certamente que não. Ou é estranho que a Sociologia tenha surgido no âmbito das mudanças sociais acarretadas pela industrialização, ganhando um viés positivista? Certamente que não. Apenas a extremada má vontade da era da Pós-verdade poderá rotular a sociologia cristã como absurda. Esta é uma sociologia que tem a *Revelação* como fundamento e apresenta explicações para os fatos sob a luz do Evangelho de Cristo, tendo como motivo filosófico básico a *Criação* em perfeição, a *Queda* em rebelião, e a *Redenção* oferecida em Jesus Cristo, na comunhão com o Espírito Santo.

Dentro da tradição Reformada de pensamento, o entendimento acerca dos seres humanos é de que eles são *seres religiosos*. Essa afirmação encontra comprovação na realidade histórica, já que jamais existiu uma civilização que não tenha desenvolvido um sistema de crenças. Não causa estranheza a qualquer antropólogo, ou arqueólogo a existência de um sistema de crenças em qualquer grupamento humano, bem como os achados de objetos de culto, visto que esse é um fato universal, ou como diria a sociologia de Émile Durkheim, é o *fato social* por excelência.

A partir dessa constatação universal o sistema Reformado de pensamento não distingue entre crentes e não crentes, mas entre crentes em Deus, revelado na Criação e no Livro da Lei, e os crentes em ídolos. Como seres essencialmente religiosos, os humanos estão sempre a serviço de um deus, seja ele real ou imaginário. Desse modo, reduz-se as ações humanas a *ações religiosas*. Segundo as Escrituras, os seres humanos estão sempre servindo, seja à criatura, seja ao Criador, mas jamais poderão libertar-se da condição de servos e adoradores. Não é à toa que o *Aspecto Modal* mais elevado no horizonte da nossa experiência no tempo seja exatamente o *Aspecto Modal religioso*.

Nesse sentido, esta sociologia identifica as iniciativas científicas do Naturalismo, incluindo aí o materialismo, o historicismo, o evolucionismo etc.

não como ciências piores ou melhores, mas meramente como inclinações religiosas diferentes. São inclinações ateístas, não pelo fato de inexistirem evidências da Criação naquilo que eles chamam de Natureza que lhes dê alguma justificativa, mas por uma decisão religiosa de rebelião contra o Criador que os faz suprimir essas evidências. Numa atitude tipicamente idólatra, cientistas naturalistas simplesmente ignoram que o Naturalismo viola diversas leis.

Apenas a título de exemplo de lei violada pelo Naturalismo: Lei da causa/efeito. O Naturalismo não tem como explicar o impulso primeiro que originou a matéria e conduziu ao caldo primordial de onde se originou tudo o que há. Essa não é uma mera omissão. Trata-se de uma violação de uma lei amplamente verificável, tanto no mundo visível, quanto no mundo invisível. Mas, e daí? Contanto que o Criador não reivindique para Si a existência do cosmos, as violações às leis serão tidas como meras limitações de fatos que ainda não se conhecem e que a ciência ateísta conhecerá algum dia, daí serem aceitáveis as especulações. Um livro de ciência naturalista é repleto de palavras como *talvez, supostamente, provavelmente*, porém esse apelo à fé é designado não como inconsistências, mas como *ciência ainda não realizada,* o que é um manto todo-poderoso da ciência moderna para encobrir sua rebelião.

Mais uma vez. Repetir isso nunca é demais. A ciência que existe, existe sob determinada cosmovisão, a qual está atrelada visceralmente a uma disposição religiosa, o que faz com que as teorias científicas sejam mera função do fundo religioso e das orientações filosóficas dos cientistas ou teóricos.[7] Diante dessa constatação, estamos justificados ao empreender esforços para desenvolver uma sociologia cujo cerne esteja voltado para a adoração ao Criador, cujo ponto de partida é não criado, mas revelado, submetido à soberania criacional, imune a contradições, suposições e especulações.

Neste sentido, o esforço desta obra é utilizar o discurso divino encontrado no Livro da Lei como lente de aumento para identificar as formas de sociedade e as diversas relações dentro dela, e reconhecer comparativamente as desvirtuações existentes no mundo em relação com esse *Tipo Padrão* dado pelo Criador. Mais uma vez, declaramos a posição de que o Criador não apenas criou,

[7] Para entender acerca do tema Cosmovisão, e de como ela afeta o labor científico, ver: *Cosmovisão: A História de um conceito*, do filósofo David Keith Naugle, publicado no Brasil pela editora Monergismo, 2020.

mas que Ele sustenta e governa todas as coisas, de modo que há uma forma certa de existir declarada pelo Criador no Seu Livro da Lei, e é esta forma primordial que objetivamos identificar para, a partir dela, comparar a realidade.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA CITADA DO LIVRO

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13 ed. Brasília: Forense Universitária, 2016.

ARENDT, Hannah. **As origens do Totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2013.

ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **Confissão de Fé**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **O catecismo maior**. São Paulo: Cultura Cristã, 2022.

AZAMBUJA, Carlos Ilich Santos. **A hidra vermelha**. 2 ed. Cidade não citada: Observatório Latino-americano, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2022.

BAVINCK, Herman. **A certeza da fé**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2018.

BAVINCK, Herman. **A filosofia da revelação**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2016.

BEAR, M. F., CONNORS, B. W., & PARADISO, M. A. **Neurociências: Desvendando o Sistema Nervoso**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Almeida Atualizada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Tradução Revista e Atualizada no Brasil. 3 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BORGES, Marcos de Souza. **O Avivamento do Odre Novo: um guia prático para a cura e libertação da família**. São Paulo: Editora Quatro Ventos, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3 ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** Brasília – DF: Editora Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Almedina, Editora Edições 70, 2021.

CLARK, Kelly James. **Return to reason: a critique of Enlightenment Evidencialism and a defense of reason and belief in God**. Grand Rapids: William B. Eardmans Publishing Company, 1998.

CLOUSER, Roy A. **O mito da neutralidade religiosa: um ensaio sobre a crença religiosa e seu papel oculto no pensamento teórico**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2020.

COURTOIS, Stéphane. WERTH, Nicolas. PANNÉ, Jean-Louis. PACZKOWSKI, Andrzej. BARTOSEK, Karel. MARGOLIN, Jean-Louis. **O Livro Negro do Comunismo**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 1999.

CRAIG, William Lane. **In Quest of the Historical Adam: A Biblical and Scientific Exploration**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2021.

DE PAOLA, Heitor. **O eixo do mal latino-americano e a nova ordem mundial: os golpes revolucionários no continente latino-americano e os tentáculos ditatoriais da nova ordem mundial**. 2 ed. Cidade não citada: Observatório Latino-americano, 2016.

DOOYEWEERD, Herman. **A teoria do homem na filosofia cosmonômica: trinta e duas proposições**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2020.

DOOYEWEERD, Herman. **Estado e soberania: ensaios sobre cristianismo e política**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

DOOYEWEERD, Herman. **Filosofia cristã e o sentido da história**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2020.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: Estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2018.

DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã**. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

DURKHEIM, Émile. **A ciência social e a ação**. Tradução de Inês Duarte Ferreira. Lisboa: Livraria Bertrand, 1970.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

FERNANDO, Adelson da Costa. **Globalização, religião e mercado de bens simbólicos: Manifestações Carismáticas na Cidade de Manaus**. 1 ed. São Paulo: Todas as Musas, 2014.

FERREIRA, Franklin. **Contra a Ideologia do Estado**. 1 ed. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

FERREIRA, Antenor. **O veneno da Áspide: relatos trágicos do Evangelicalismo**. Poços de Caldas, MG: Editora do Cristão, s.d.

FONTES, Filipe Costa. **Você educa de acordo com o que adora**.1 ed. São Paulo: Editora Fiel, 2018.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Almedina, Edições 70, 2022.
FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 7 ed. Brasília - DF: Forense Universitária, 2011.
FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
FRAME, John M. **A doutrina do conhecimento de Deus**. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
GILLESPIE, George. **Sobre o governo civil: igreja e estado – similitudes e diferenças & o governo civil e a lei moral**. Natal: Nadere Reformatie, 2021.
GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 13 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
GOMES, Davi Charles. **Analisando a crítica marxista: de Prometeu a Proteus**. Coleção Fundamentos Cristãos, vol. 6. 1 ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.
GUYTON, A.C., & HALL, J. E. *Tratado de Fisiologia Médica*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2021.
JOHNSON, Phillip E. **Como derrotar o evolucionismo com mentes abertas**. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
KUYPER, Abraham. **O Calvinismo**. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022.
KUYPER, Abraham. **O problema da pobreza: a questão social e a religião cristã**. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
KUYPER, Abraham. **Sabedoria e prodígio: graça comum na ciência e na arte**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2016.
LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. 1 ed. Le Books: 2018.
LOURENÇO, Adauto J.B. **Como tudo começou: uma introdução ao criacionismo**. 1 ed. São Paulo: Editora Fiel, 2018.
LOURENÇO, Adauto J.B. **Gênesis 1 & 2: A mão de Deus na Criação**. 1 ed. São Paulo: Editora Fiel, 2018.
MANNHEIM, Karl. **Sociologia da cultura**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
MARQUES, Luiz. **A era da pós-verdade**. Sul21.com.br, 2022. Disponível em: </https://sul21.com.br/opiniao/2022/12/a-era-da-pos-verdade-por-luiz-marques/>. Acesso em 11.9.2023.
MARX, Carl. **Tese número 11. Teses sobre Feuerbach**. Publicado a primeira vez em 1888. Tradução de Álvaro Pina. Direitos de tradução em língua portuguesa reservados pela Editorial "Avante!" - Edições Progresso Lisboa – Moscovo, 1982. Disponível em: </https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.html>. Acesso em 11.9.2023.
MISES, Ludwig von. **A mentalidade anticapitalista**. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Liberal, 1987.
MISES, Ludwig von. **Governo Onipotente: A ascensão do Estado totalitário e a guerra total**. Campinas: Vide Editorial, 2019.
MISES, Ludwig von. **Marxismo desmascarado**. Campinas: VIDE Editorial, 2015.
MISES, Ludwig von. **O fundamento último da ciência econômica**. Campinas: VIDE Editorial, 2017.
MISES, Ludwig von. **Teoria e História: uma interpretação da evolução social e econômica**. 1 ed. São Paulo: Instituto Mises Brasil, 2014. Disponível em: </https://rothbardbrasil.com/wp-content/uploads/arquivos/teoriaehistoria.pdf>. Consultado em 11.9.2023.
NASH, Ronald H. **Cosmovisões em conflito: escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2012.
NAUGLE, David K. **Cosmovisão: a história de um conceito**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2017.
NAUGLE, David K. **Filosofia: um guia para estudantes**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2014.
PLANTINGA, Alvin. **Conhecimento e crença cristã**. 1 ed. Eletrônica. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2018.

PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta: Libertando o Cristianismo de seu cativeiro cultural**. Tradução de Mônica Craveiro. São Paulo: Vida, 2006.
POYTHRESS, Vern S. **O senhorio de Cristo: servindo ao salvador o tempo todo, em tudo o que fazemos, de todo o nosso coração**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2019.
POYTHRESS, Vern S. **Redimindo a ciência: uma abordagem teocêntrica**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2019.
POYTHRESS, Vern S. **Redimindo a Filosofia: uma abordagem teocêntrica às grandes questões**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2019.
POYTHRESS, Vern S. **Redimindo a Sociologia: uma abordagem teocêntrica**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2022.
RACK, Henry D. **Reasonable Enthusiast: John Wesley and the Rise of Methodism**. London: Epworth Press, 2002.
RANA, Fezale; ROSS, Hugh. **Who was Adam? A Creation Model Approach to the Origin of Humanity**. 2ª ed. Covina, CA:RTB Press, 2015.
REES, Laurence. **Stálin, os nazistas e o ocidente: a Segunda Guerra Mundial entre quatro paredes**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
RICHARDSON, Don. **O totem da paz**. Curitiba: Editora Betânia, 2023.
ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social: princípios do direito político**. São Paulo: Lafonte, 2019.
SCHAEFFER, Francis. **A arte e a Bíblia**. Viçosa: Editora Ultimato, 2009.
SCHAEFFER, Francis. **Como viveremos? Uma cuidadosa análise das principais características de nossa época em busca de soluções para os problemas que enfrentamos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Vozes, 2013.
SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica**. 4 ed. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2006.
SIRE, James W. **Dando nome ao elefante: cosmovisão como um conceito**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2012.
SIRE, James W. **O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão**. 5 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2018.
SMALLEY. Gary. **Ela Precisa Saber**. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.
TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.
VAN TIL, Cornelius. **Por que creio em Deus**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2012.
VENEMA, Dennis R.; McKNIGHT, Scot. **Adam and the Genome: Reading to the Scripture after Genetic Science**. Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2017.
VICENTE, Christopher Rev. **O marxismo e a fé reformada: Uma análise em Herman Bavink**. 2 ed. Natal: Nadere Reformatie, 2022.
VOS, Geerhardus Johannes. **Teología Sistemática**. Disponível em: </https://archive.org/details/429141305-teologia-sistematica-geerhardus-vos-henry-pdf/page/n23/mode/2up>. Consulta em 11.9.2023.
WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2007.
WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 1 ed. São Paulo: Almedina, Edições 70, 2022.
WEBER, Max. **Ensayos sobre sociologia de la religion**. Buenos Aires: Editorial La Playade. Encontrado em: https://escriturayverdad.cl/wp-content/uploads/Filosofia/SOCIOLOGIADELARELIGIONMAXWEBER.pdf.